

Josafá Duarte e o Cinecordel: cinema como prática para a liberdade

Josafá Duarte and Cinecordel: cinema as a practice for freedom

Josafá Duarte y Cinecordel: el cine como práctica de la libertad

PAULO PASSOS DE OLIVEIRA¹

RESUMO: Josafá Duarte, de Salgado dos Mendes, Ceará, cria filmes de ficção, carregados de elementos da cultura popular, visando à conscientização política. Para tanto, une cinema e literatura de cordel, em trabalho aqui analisado como prática educativa, inspirada no método de Paulo Freire. Para a pesquisa foi utilizada observação participante, apontada em diário de campo, bem como entrevista aberta. O objetivo deste artigo é desvelar o caráter pedagógico do sujeito presente no ato de aprender e ensinar a fazer filmes, a ver filmes, e a conscientizar(-se) politicamente.

PALAVRAS-CHAVE: Josafá Duarte; cinema; Paulo Freire.

ABSTRACT: Josafá Duarte, from Salgado dos Mendes, Ceará, creates fictional films, loaded with elements of popular culture, aiming to raise political awareness. To this end, he combines cinema and cordel literature, analyzed as an educational practice, inspired by Paulo Freire's method. For the research, participant observation was used, indicated in a field diary, as well as open interviews. The objective of this article is to reveal the pedagogical character of the subject present in the act of learning and teaching how to make films, watch films, and become politically aware.

KEYWORDS: Josafá Duarte; cinema; Paulo Freire.

1. IETECs/RJ.

RESUMEN: Josafá Duarte, de Salgado dos Mendes, Ceará, crea películas de ficción, cargadas de elementos de la cultura popular, con el objetivo de generar conciencia política. Para ello combina cine y literatura de cordel, en un trabajo aquí analizado como una práctica educativa, inspirada en el método de Paulo Freire. Para la investigación se utilizó la observación participante, registrada en un diario de campo, así como entrevista abierta. El objetivo de este artículo es revelar el carácter pedagógico del sujeto presente en el acto de aprender y enseñar a hacer películas, ver películas y tomar conciencia política.

PALABRAS CLAVE: Josafá Duarte; cine; Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

Josafá Ferreira Duarte, nascido em Salgado dos Mendes, Forquilha, Ceará, é um líder comunitário de 64 anos, autodenominado “pequeno agricultor” e cineasta. Residente em uma comunidade de cerca de 500 pessoas, é um produtor cultural que dirige filmes de ficção, principalmente no gênero humor, impregnados de elementos da cultura popular regional, com o objetivo de promover a conscientização política. Para isso, ele criou o grupo colaborativo² Cinecordel, combinando o cinema com a tradicional literatura de cordel cearense.

Neste artigo, o cinema de Josafá é analisado como prática educativa e pedagógica fora da escola, valorizando experiências relacionais. A emancipação e a autonomia do aprendente também são os objetivos do método desenvolvido pelo pedagogo Paulo Freire (Freire, 2011a, 2011b). O educador pernambucano não dissocia a formação intelectual do contexto social ao qual o aprendente vive. Alfabetizar, para ele, é uma postura política que deve partir, sempre, da realidade do discente. Seu método de ensino comprova que “aprender” também é um ato de “emancipar” consciências, permitindo que o estudante descubra seu lugar no mundo. Esse texto desvela as produções do cineasta cearense à luz do pensamento freireano.

A produção de filmes fora do sistema oficial tem ganhado força com câmeras de vídeo caseiras e, mais recentemente, com câmeras digitais e *smartphones*. Acadêmicos passaram a investigar esses cinemas alternativos, resultando em uma vasta bibliografia sobre o tema no Brasil. Obras de Alice Fátima Martins,

2. O termo “colaborativo” refere-se a grupos que trabalham em ambientes de produção artística ou cinematográfica sob um regime de cooperação solidária, sem pagamento pelo trabalho realizado. No contexto do cinema, a ação colaborativa mantém uma hierarquia mínima, sendo liderada pelo idealizador e diretor do filme, porém, as decisões são geralmente tomadas por meio de diálogos e negociações.

“Catadores de sucata da indústria cultural” (Martins, 2013) e “Outros fazedores de cinema” (Martins, 2019), exploram essa tendência.

A relação – nem sempre pacífica, mas também nem sempre tensa – estabelecida entre cinema e educação tem sido tematizada sob o prisma acadêmico. Em seu artigo “Becos e trânsitos entre a escola e o cinema”, a já citada doutora Alice Fátima Martins tece reflexões sobre o contexto formal e informal entre a escola e o cinema. No texto, ela mostra como o cinema é responsável pela constituição da memória a partir de afetos, responsáveis pela subjetividade. Com maior acessibilidade à produção de imagens, sua ordenação e veiculação através da Internet, os grupos colaborativos de cinema permitem aprendizagem a quem produz, assiste filmes e a quem presencia a produção de filmes, gerando novo ponto de vista reflexivo EU-OUTRO, o que gera um processo de transformação. Portanto, para a autora, é importante que a escola entenda o cinema enquanto campo de possibilidades, seja na função de recepção dos filmes para além das necessidades curriculares, seja na concepção de espaço coletivo de produção, onde são veiculadas as visões de mundo e diálogos com outras imagens.

Para além de livros e de artigos, dissertações e teses de doutorado, como “Tramas formativas em audiovisual” de Lara Satler (2016) e “Josafá Duarte e o Cinecordel: o cineasta cabra da peste contra o Dragão de Roliúdi”, escrita por mim (Oliveira, 2019), aprofundam a análise dessas produções alternativas.

O trabalho aqui apresentado baseia-se em conceitos e debates da minha tese de doutorado (Oliveira, 2019), particularmente nos capítulos 1 e 4, para explorar o impacto educativo e cultural do cinema de Josafá Duarte quando analisado sob o método erigido pelo patrono da educação brasileira.

1. JOSAFÁ: UM CINEASTA NO SERTÃO DE FORQUILHA

Os filmes de Josafá Ferreira Duarte estão intimamente ligados à sua biografia. Na juventude, ele e sua família migraram para Fortaleza em busca de oportunidades, estabelecendo-se na periferia, comunidade “Baixa da Jumenta”, na Parangaba. Lá, ele trabalhou em diversas atividades e se tornou fotógrafo autodidata, registrando eventos como batizados e festas por 15 anos. Esse trabalho o fez conhecer a realidade local e ouvir os lamentos de seus vizinhos.

Confrontado com as carências de sua comunidade, Josafá se tornou líder comunitário e se envolveu com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), identificando 40 famílias em situação de pobreza extrema. Em 1997, com o apoio

do MST, liderou a ocupação da fazenda “Lagoa Grande”, em Pentecoste, a 89 km da capital Fortaleza, e negociou com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) para resolver questões dos assentados e ex-empregados da fazenda. Ameaçado de morte por capatazes do latifúndio, retornou à sua terra natal em 2002.

Apesar de inicialmente se afastar da liderança social, voltou à militância após observar o abandono de Salgado dos Mendes. Fundou uma associação de moradores, um grupo de teatro e o jornal “Sociedade Salgadense”. Contudo, percebendo que parte da população analfabeta não tinha acesso ao jornal, começou a fazer filmes em 2006 para divertir e conscientizar politicamente a comunidade. Com uma câmera emprestada e ajuda local, tornou-se cineasta, estreando com “A história de um gallo assado” (2006).

Ele se apaixonou pelo cinema na infância, frequentando cinemas em Sobral, para onde sua família se mudara. Enfrentando desafios para desenvolver essa nova atividade, Josafá persistiu e ganhou reconhecimento local. A prática das gravações envolveu os moradores do distrito de Salgado dos Mendes em diversas funções, culminando na formação do grupo colaborativo Cinecordel, em homenagem à literatura de cordel e a Luiz Conrado Duarte, seu pai, que aos 94 anos, ainda é trovador.

Os filmes de Josafá retratam a vida simples do sertanejo com humor, abordando temas como trabalho no campo, infidelidade, fofoca e histórias sobrenaturais. Suas produções seguem uma narrativa linear clássica e são realizadas com recursos limitados, com Josafá cobrindo os custos básicos.

Parte de seus filmes está disponível no *blog* Forquilha Cinecordel e em seu canal no *YouTube*, onde o longa “Por debaixo dos panos” (2010) alcançou grande popularidade. Dentre títulos de sucesso nas redes sociais, é possível destacar “A sogra e o lobisomem” (2013), “O homem que queria enganar a morte” (2014) e “A volante do soldado 33” (2018).

Com mais de 40 filmes e responsável por criar um Festival de Cinema em Forquilha, Josafá conseguiu que a cidade fosse reconhecida pela Assembleia Legislativa do Ceará como “Capital Cearense do Cinema Popular” em 2017, inspirando outros cineastas locais.

2. O CINEMA POPULAR DE JOSAFÁ DUARTE E A PEDAGOGIA FREIREANA

No primeiro tópico foi apresentado um resumo da vida e do trabalho de Josafá Ferreira Duarte. Agora, nesta parte, será apresentada a ação cinematográfica no campo da educação informal, a partir da pedagogia erigida pelo educador Paulo Freire.

Para tanto, pediremos emprestada o conceito de “aprenderensinar”, desenvolvido pela professora Nilda Alves (2003). O termo trata da educação sem subordinação entre os atos de “aprender” e “ensinar”. Ambos ocorrem ao mesmo tempo, unindo aluno e professor na construção do conhecimento. Propõe-se investigar aprenderensinar em um contexto sócio-histórico e cultural (Alves, 2003).

Paulo Freire prescreve uma pedagogia que mergulha na cultura do aprendente, valorizando a “leitura de mundo” e focando na educação emancipadora. A educação é sempre política e pode ser conservadora ou libertária, dependendo da formação proporcionada.

O cinema de Josafá Duarte reflete as condições históricas e sociais da sua trajetória e luta pela preservação dos valores democráticos. Ele busca mudanças no sistema eleitoral e nas relações políticas:

A própria essência da democracia evolve uma nota fundamental, que lhe é intrínseca – a mudança. Os regimes democráticos se nutrem na verdade de termos em mudança constante. São flexíveis, inquietos, e devido a isso mesmo deve corresponder ao homem desses regimes maior flexibilidade de consciência. (Freire, 2011a, p. 119).

Aqui, no campo da produção de cultura popular, interessa saber sobretudo das implicações deste cinema crítico na esfera pedagógica, que busca por uma sociedade mais justa, em que haja a construção do que Josafá denomina “conscientização política”. Este cinema pode ser entendido como “libertador”. Através dos filmes, o realizador comunica seus valores com o objetivo de que estes afetem os espectadores. Esta ideia pressupõe uma eficácia a partir da participação livre dos que se educam no processo pedagógico, proposta pelo cinema.

O cinema é um instrumento ed... e... educacional, né?! Pedagógico e... tem a função de... de... de... de esclarecer, né?! De propor ideias, né?! De criar debates... [...] Então, o cinema... é... como é... pode ser um cinema alienador, pode ser um cinema libertador, pode ser um cinema transformador, dependendo de quem tá fazendo. [*Mais adiante, ele complementa:*] Cinema libertador é aquele cinema que procura esclarecer... é... algumas dúvidas à sociedade. É o cinema que... que... que... que coloca em pauta algumas questões... entendeu?!... da... da vida social de um país, de uma... de uma comunidade, de uma região. Eu tam... é um... é um cinema que tem... é um cinema que vê uma proposta de mudança. Então, é um cinema libertador. (J. Duarte, comunicação pessoal, 26 de janeiro de 2017).

Faz-se necessário destacar, porém, que *conscientização do sujeito* não significa *transmitir conhecimento* a partir dos filmes, ou do seu processo de produção. Na verdade, a ideia é a de, através da produção e da exibição das comédias, tornar quem faz parte da produção, bem como quem assiste ao filme, capaz de entender, mas, sobretudo, refletir sobre o que produziu/assistiu de forma que seja capaz de modificar sua ação diante da realidade política. A ideia de transmissão de conhecimento, como bem explica Freire (Freire, 2011b, p. 117), coloca o aprendiz na condição de passivo diante do processo de aprenderensinar, como alguém que é alienado do seu próprio conhecimento, e da ação que pode surgir a partir do que conheceu e refletiu. A tomada de consciência é sempre ativa no processo de aprenderensinar, e nunca passiva.

O trabalho de Josafá é mais como o de um “coordenador” de linguagem, sem restrições a calendários ou programas disciplinares. Seus filmes visam atingir muitas pessoas e provocar reflexões políticas. Em consonância com Freire, busca a reinvenção do ser humano e sua autonomia.

Os seus filmes utilizam a linguagem popular e oralidade “cearenses” para identificação e reflexão política. Termos como “malas” e “trouxas” identificam corruptos e ingênuos, respectivamente, a partir de uma perspectiva popular.³

No cinema, as imagens permitem o reconhecimento da realidade social. Palavras e imagens dependem do contexto real, uma “situação desafiadora” segundo Freire. Aprender a ver filmes e a conscientização política são inseparáveis. Personagens como o agricultor, o padre e o vereador refletem a cultura de Salgado dos Mendes e a corrupção política.

As imagens expressam elementos culturais e transformam a realidade, alinhando-se ao conceito de aprenderensinar. Na prática de Freire, imagens culturais dos alunos geram debates sobre “cultura” e “trabalho”. Palavras e imagens juntas promovem a conscientização, destacando o conhecimento adquirido coletivamente.

Em entrevista (Duarte, 2017c), o cineasta forquilhense diz que “ser cineasta” envolve, antes de tudo, amor a uma causa. Paulo Freire afirma que a educação é um ato de amor e coragem (Freire, 2011a, p. 127). A pedagogia e o cinema de Josafá seguem a ordem da libertação, conforme Weffort:

Conscientizar não significa, de nenhum modo, ideologizar ou propor palavras de ordem. Se a conscientização abre caminho à expressão das insatisfações sociais é porque

3. “Os malas e os trouxas” é o título de um dos filmes de Josafá Duarte (2016).

estas são componentes reais de uma situação de opressão; [...] se a conscientização das classes populares significa radicalização política é simplesmente porque as classes populares são radicais, ainda mesmo quando não o saibam (Weffort, 2011, p. 19).

Josafá não clama por revoluções armadas, mas sua luta pela liberdade denuncia práticas políticas conservadoras no Brasil. Sua conscientização política vem da sua história de luta nas comunidades. Assim, vai ao encontro do pedagogo pernambucano:

No ato de discernir, porque existe e não só vive, se acha a raiz, por outro lado, da descoberta de sua temporalidade, que ele começa a fazer precisamente quando, varando o tempo, de certa forma então unidimensional, atinge o ontem, reconhece o hoje e descobre o amanhã (Freire, 2011a, p. 56–57).

O cinema de Josafá, aliado à pedagogia de Freire, une conscientização política e educação, rejeitando a política corrupta. A nobre tarefa dos políticos foi esvaziada por interesses pessoais e de grupo (Weffort, 2011). A passagem do depoimento abaixo deixa clara a impressão que o cineasta tem do sistema político brasileiro:

[...] porque, hoje, eu penso em mudar o atual quadro político do meu país. Eu vejo que este modelo é no momento que faliu, que tá morto. Nós temos que enterrar e procurar um novo modelo de administração pública. [...] E a prova disso é a “Operação Lava Jato” que mostrou, realmente, que não tem como continuar. Não vai resolver se prender essa multidão de gente, arrecadar a maior parte do dinheiro, se o sistema vai ser o mesmo. [...] Então, tem que se procurar, tem que se discutir, tem que discutir uma nova maneira. Tem que existir um novo modelo de governo. Que não seja uma ditadura militar, nem um sistema corruptivo, como é esse sistema partidário. Né?! A gente quer um modelo que seja um governo popular. Que o poder, realmente, tenha herdado do povo. Né?! [...] Que o País vive uma grande oligarquia, né?! [E] aquele grupo se encontra em Brasília pra governar a nação. (J. Duarte, comunicação pessoal, 6 de fevereiro de 2017).

Josafá encontrou sua função política como líder comunitário e cineasta educador, cruzando cinematografia e formação cidadã. Ele acredita que a política atual exige do candidato um estado de corrupção para ingressar no sistema, e defende um novo modelo de administração pública. O cineasta vê a política como uma “religião”, e propõe um governo popular, livre das oligarquias.

Ele sugere acabar com partidos políticos e fazer concursos públicos temporários para políticos, com avaliação anual pelo povo. O diretor aprendeu o jogo político institucional e sugere um formato eletivo que responde ao “silêncio acadêmico” sobre a representação popular.

O que eu vejo é o seguinte: há um silêncio, há um silêncio acadêmico no País de todo os seguimento sobre este modelo. Ninguém usa a desafiar o modelo, ninguém usa a falar contra este modelo. Porque é um modelo que mantém uma elite no poder. [...] Então, eu vejo assim... eu não vejo as pessoas... assim... eles, eles fazem críticas, mas não mostram soluções. Críticas, críticas, fazem... [...] Sim, tá ruim, mas qual é o remédio? Mostrem, passem ao menos um chá, ao menos um xarope. Ao menos uma receita caseira. Se não vai curar mais, ao menos vai amenizar (J. Duarte, comunicação pessoal, 26 de janeiro de 2017).

A vivência social do cineasta revelou a incoerência ideológica das legendas brasileiras. Ele percebeu que a maioria dos partidos não representa o cidadão e propõe alternativas ao modelo eleitoral, buscando um caminho mais justo. A liberdade que almeja é fruto das intenções de libertação de suas comunidades.

Aí, já defendo nos meus filmes. Acabar com os partidos políticos e fazer concurso público temporário para os, para os, para os políticos, de quatro em quatro anos, sendo que o povo avalia esses governos nas urnas anualmente. [...] Existe o eleitor e o político, né?! E a máquina do Estado. São esses três elementos. O eleitor era pra ser o patrão. Porque ele que paga. Então, ele é que devia escolher o político. Mas é o contrário: o político compra o eleitor, compra o eleitor – entendeu? –, e assume o poder. [...] Quando um partido ganha, quem vai governar a cidade é aquele partido, o outro fica de fora. Mas todos vão pagar impostos? [...] Então, a proposta que nós fazemos aqui: é o fim dos partidos políticos. Concurso público, de quatro em quatro anos. E o poder? O poder vai tá lá no povo. O povo vai avaliar a gestão. (J. Duarte, comunicação pessoal, 26 de janeiro de 2017).

O cineasta aprendeu empiricamente sobre a ineficácia das ações das legendas. Ele questiona o ideal previsto pela Lei 9096/95 (Brasil, 1995) e pelo parágrafo 3º do artigo 14 da Constituição Federal (Governo Federal, 1988). Na prática, ele percebeu que a maioria dos partidos não representa o cidadão, não possui coerência nas pautas e não canaliza as vontades populares. Ao dizer “O poder vai tá lá no povo. O povo vai avaliar a gestão” (J. Duarte, comunicação pessoal, 6 de fevereiro de 2017), Josafá

faz valer o parágrafo único do artigo 1º da Constituição: “Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição” (Governo Federal, 1988).

O diretor forquilhense questiona o que é “pensar certo” ou “pensar errado” e se suas propostas eleitorais são viáveis. A ideia de reforma eleitoral é radical e crítica. Freire nos ensina: “Porque crítica e amorosa, [*a opção radical é*] humilde e comunicativa. O homem radical na sua opção não nega o direito ao outro de optar. Não pretende impor a sua opção. Dialoga sobre ela” (Freire, 2011a, p. 69).

Mais do que discutir a exequibilidade da ideia da reforma eleitoral, o importante é promover o diálogo sobre um sistema menos corrupto, e que o povo tenha mais controle fiscalizador sobre os políticos eleitos. O cinema é o incitador dos debates. O ato de “conscientizar politicamente” passa por “conscientizar-se” a partir da ideia do outro. Freire alerta que o diálogo é uma relação horizontal, nutrida pelo amor, humildade, esperança, fé e confiança (Freire, 2011a, p. 141).

Como o pedagogo pernambucano, Duarte acredita que “formar” é mais do que treinar, adotando o ponto de vista dos “excluídos”. A liderança social e o trabalho do cineasta trazem uma responsabilidade ética, promovendo um aprendizado com/para o outro. Freire ensina que o aprendizado dessa ética é construído nas posições antagônicas e na relação com o outro.

Ensinar e aprender são experiências conjuntas e questionadoras, valorizando aqueles que são sujeitos do seu conhecimento. O cineasta, colaboradores e o público refletem sobre relações e sistemas de poder durante a preparação e exibição do filme.

O cineasta e o pedagogo criam algo novo juntos, abrindo portas ao debate sobre a realidade. O cinema do realizador salgadense, fruto de sua prática testemunhal, mira o passado e o futuro, criando um cinema popular heterotópico. Na construção da tradição, o “cinema da libertação” dá protagonismo aos marginalizados, incluindo pessoas da comunidade como atores. O cinema de Josafá Duarte é o “testemunho da história” e reflexão crítica sobre ela.

No cotidiano, os “outros” são cobertos pelo véu da fatalidade histórica e do esquecimento social. O vencedor é exaltado pelo mérito, enquanto o ausente, sem mérito, já era protagonista da história do cineasta e cordelista de Salgado dos Mendes. Ele mesmo foi um sem terra (e sem-terra)⁴. Sobre a reforma agrária, diz o mestre Freire:

4. Nestas acepções procuro dar conta daquele que é desprovido de terra, mas que é um militante do MST.

No caso da reforma agrária entre nós, a disciplina de que se precisa, segundo os donos do mundo, é a que amacie, a custo de qualquer meio, os turbulentos e arruaceiros “sem terra”. A reforma agrária tampouco vira fatalidade. Sua necessidade é uma invencionice absurda de falsos brasileiros, proclamam os cobiçosos senhores das terras (Freire, 2011b, p. 56).

[Posteriormente, o educador brasileiro observa:]

Seria demasiado ingênuo, até angelical de nossa parte, esperar que a “bancada ruralista” aceitasse quieta e concordante a discussão, nas escolas rurais e mesmo urbanas do país, da reforma agrária como projeto econômico, político e ético da maior importância para o próprio desenvolvimento nacional. Isso é tarefa para educadoras e educadores progressistas cumprirem, dentro e fora das escolas (Freire, 2011b, p. 97).

O líder do assentamento Lagoa Grande aprendeu a guiar com o outro e para o outro. Saber ouvir é tão importante quanto falar. Assim, faz-se a história: das sociedades e do cinema, a história do Cinecordel. História e educação estão imbricadas e existem na mudança dos contextos. A história e o aprendizado dos espectadores ocorrem em lugares específicos, onde há identificação com o conteúdo exibido e empatia com “o outro”. Paulo Freire diz: “É a ‘outredade’ do ‘não eu’, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu” (Freire, 2011b, p. 42).

No lugar onde se vive, o cinema de Josafá busca a autonomia e a conscientização política, mesmo aceitando ser desprezado. Freire diz: “Primordialmente, minha posição tem de ser a de respeito à pessoa que queira mudar ou que recuse mudar [...]” (Freire, 2011b, p. 69). A autonomia é fundamental para a libertação e está, também, na recusa em acolher as ideias do Cinecordel. Josafá aceita que seus filmes não serão bem recebidos por todos, mas acredita na formação pedagógica presente em “conscientizar politicamente”. Como diz Freire: “A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser” (Freire, 2011b, p. 105). Ele acredita que a formação pedagógica presente na máxima “conscientizar politicamente” não pode tudo, mas pode alguma coisa (Freire, 2011b, p. 110).

O cinema popular enfrenta incompreensão por parte daqueles que têm o gosto formatado por parte da elite cinematográfica, revelando uma recusa a uma determinada leitura de mundo. Certos espectadores mostram preconceito contra o cinema do povo, considerando-o inferior. A existência do Cinecordel revela obstáculos no mundo desigual. No entanto, Josafá Duarte exerce seu trabalho focando nas opiniões

dos que reconhecem a potência da produção do cinema popular, ou seja, como aquela capaz de dialogar com a cultura brasileira. Desta forma, para o realizador salgadense, o que interessa é que os seus filmes rompem fronteiras e classes sociais e são assistidos por públicos distintos em diversas partes do País, e mesmo fora dele.

Josafá desenvolveu sua pedagogia cinematográfica lidando com as diferenças e nos detalhes do cotidiano. Mas, nos detalhes, no pequeno gesto, no café compartilhado em um assentamento no meio da madrugada, no “fazer teimoso” um filme – sem saber fazer – repito, nos detalhes do cotidiano, é que a vida é avaliada. É nos detalhes que se encontra a possibilidade de solução. Fazer filme foi o detalhe que a vida apresentou como produção pedagógica do “conscientizar politicamente”. A intuição, essa coisa tão necessária para o conhecimento, como nos ensina o mestre Freire (2011b), foi o ponto de partida para o aprenderensinar cinema, mas trata-se de um ponto de partida sem ponto de chegada.

O cinema torna-se suporte afetivo e oferece possibilidades de aprendizagem. O pedagogo diz: “O suporte é o espaço [...] necessário a seu crescimento e que delimita seu domínio” (Freire, 2011b, p. 50). O cinema transformou-se em mundo e, deste, em existência, criando sujeitos conscientes e transformadores. A existência é fruto da intervenção do sujeito no mundo e da decisão de agir politicamente sobre ele. Ele conclui que a prática formadora de natureza ética preenche de esperança (Freire, 2011b).

Freire considera que o ser humano é signatário da esperança, mas as condições sócio-históricas podem levar à desesperança. Lutar contra a desesperança é um desafio contemporâneo. A esperança move o cineasta de Salgado dos Mendes, mostrando que o futuro é feito de possibilidades, como a transformação no cinema.

Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu “destino” não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a história em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades, e não de determinismo. Daí que insista tanto na *problematização* do futuro e recuse sua inexorabilidade (Freire, 2011b, p. 52).

Como ser inacabado, Josafá projeta-se nas possibilidades do futuro. Ele não encara a história como algo já dado, mas como algo a ser construído continuamente, no gerúndio: ele vai sendo construído, segue sendo imaginado e discutido. O futuro é incerto, mas a esperança pode ser perene. Dessa forma, um sistema eleitoral

corrupto é passível de mudança. Trabalhar para que os filmes conscientizem politicamente é essencial. Josafá rejeita o fatalismo e acredita na transformação.

Esta conscientização é, para Freire, a condição *sine qua non* do aprendizado. O pedagogo escreveu aquilo que o cineasta e cordelista defende:

Contra toda a força do discurso fatalista neoliberal, pragmático e reacionário, insisto hoje, sem desvios idealistas, na necessidade da conscientização. Insisto na sua atualização. Na verdade, enquanto aprofundamento da *prise de conscience* [tomada de consciência] do mundo, dos fatos, dos acontecimentos, a conscientização é exigência humana, é um dos caminhos para a posta em prática da curiosidade epistemológica (Freire, 2011b, p. 54).

A curiosidade epistemológica é o que permite a interpretação do mundo ao redor, que se torna o suporte da realidade. É a curiosidade como elaborada acima que admite que as possibilidades de mudança na sociedade sejam debatidas. É o que leva a olhar de dentro de si para o mundo, e vice-versa, mas debatida pelo grupo. Assim, a compreensão da vida social – elementar para a proposição de sua mudança – deixa de ser exclusividade de um, para ser tomada pelo grupo Cinecordel em Salgado dos Mendes, mas também por outros grupos de pessoas. Este é o maior desafio do cinema josafiano: que imagens e sons, cultura e política, ética e estética, gerem a curiosidade epistemológica no maior número de espectadores, muitas vezes solitários, que assistem aos filmes em frente a uma tela de computador, celular ou outro aparelho.

A pedagogia desenvolvida pelo mestre Paulo Freire dialoga com Josafá Duarte, que se autodenomina homem “do povo”, produtor da cultura popular. Pois é da cultura popular que surgem os versos do cordelista paraibano Medeiros Braga⁵, natural de Nazarezinho, que homenageiam a vida e o trabalho do pedagogo pernambucano:

Os milhões que não sentavam
Em algum banco escolar,

5. Luzimar Medeiros Braga [...] é economista de formação, e exerceu as funções de professor, jornalista e funcionário do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Nasceu no município de Nazarezinho, no semiárido paraibano, no dia 20 de abril de 1941. [...] É um poeta memorialístico condoreiro visto que apresenta produção literária que biografava personalidades, como por exemplo: [...] Karl Marx, Che Guevara, Rosa Luxemburgo [...] Com vistas à educação e conscientização política do povo, acredita que a literatura popular pode ser um elemento de formação e transformação. Com temática diversificada, abarcando história, ecologia, geografia, filosofia, canção e a literatura clássica universal, em cordel, em 2013 passou a ser membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) (Popular, 2014).

Escrevia só o nome
Como um “ferro” pra votar.
Nada mais para aprender
Pra que não pudessem ler
E, sobretudo, pensar.
[...]
Daí surgiu Paulo Freire
E seu método inovador
Rompendo com o sistema,
Ora, tão conservador.
Num clima de liberdade
Deixava bem à vontade
O aluno e o professor.
[...]
Para ele o movimento
Dos direitos preteridos
Deve ser encabeçado
Pelos próprios oprimidos;
Com ele, e não para ele,
Para obter todo aquele
Ciência dos excluídos
[...]
Falou da sua importância
Mas, deixou bem explanado:
O saber não muda o mundo
Como muitos têm pensado;
O saber muda as pessoas
Que podem com ideias boas
Tornar o mundo mudado (Braga, 2018)

CONSIDERAÇÕES FINAIS...

O cineasta Josafá Duarte constituiu-se como um homem “de terra”, mas também como “da terra”. Com isso, afirmo que ele mantém um vínculo umbilical com o ato de trabalhar na terra bruta, mas também de pertencimento a uma terra específica.

Quando paro para pensar sobre sua atuação à frente do Movimento dos Sem-Terra, ocorre-me que o que chamo “terra” tem a acepção de área de cultivo, mas também local de pertencimento, onde se vive por nascimento ou por escolha. Nestes contextos, terra é o lugar onde se constrói o afeto pelo trabalho e por quem lá trabalha. Terra é onde se cultiva e onde circula a cultura. Não à toa, cultura tem origem no latim *colere*, que por sua vez, significa *cultivar*.

Ele aprendeu sobre si e o mundo, buscando a emancipação, um conceito defendido por Paulo Freire. O pedagogo acreditava que a cultura popular é fundamental para a formação do homem simples e que só se “forma” quem se “informa”, transformando o mundo ao seu redor. Tanto Freire quanto Josafá compartilham a visão radical de transformação da coletividade, na qual a conscientização e a tomada de consciência de si e do lugar no mundo são essenciais para mudar a sociedade.

Freire iniciou seu método de alfabetização em Angicos (RN) na década de 1960, enquanto Josafá começou sua produção cinematográfica no sertão há pouco mais de 18 anos. Ambos acreditam que a educação e a emancipação social ocorrem com a participação de todos os agentes da sociedade, e que a luta democrática é essencial para criar uma sociedade menos desigual.

O cinema de Josafá Duarte, embora não substitua a escola, pode ter atributos pedagógicos significativos. Seu trabalho reflete o método de Freire, onde o cearensês evoca “palavras geradoras” e “imagens geradoras” para a conscientização política. A “visualidade” dos filmes de Josafá é carregada de discursos orais e identificação cultural, promovendo uma autonomia política que deve ser conquistada coletivamente.

O cinema popular desponta como importante oportunidade de aprendizado para o seu espectador. Manifestações culturais são formas epistemológicas prenes de significados e de sentidos a partir dos quais se aprende. Por isso, no cotidiano das práticas culturais, das suas invenções e reinvenções, existe uma pedagogia com a qual a escola pode dialogar e construir aprendizagens diversas. As pedagogias culturais definem o contexto de produção da cultura como forte potência para os atos de ensinar e aprender, postulados que, desierarquizados, aglutinam-se no conceito “aprenderensinar”. Tal forma pedagógica encontra sua força no cotidiano e na vida social, com a certeza de que os sujeitos seguem aprendendo ao ver filmes e ao fazê-los, portanto, o conhecimento pode ser obtido nas práticas da produção de filmes no contexto da cultura. A escola – instituição basal no contexto da formação – também obedece aos preceitos da cultura da qual faz parte, e tende a ganhar com o aprenderensinar das produções populares de filmes.

A certeza que resta é que a história segue seu fluxo inexorável, e novos filmes continuarão a ser feitos com o sonho teimoso de mudar pessoas. Como Paulo Freire ensinou, “pessoas transformam o mundo”. Sonhar junto é não apenas possível, mas necessário para transformar a realidade, como afirmava Raul Seixas, inspirado em Cervantes: “sonho que se sonha junto é realidade”⁶.

REFERÊNCIAS

- A HISTÓRIA de um galo assado. Direção de Josafá Duarte. [Comédia; VHS] Forquilha, CE: Cinecordel. 2006.
- ASOGRA e o lobisomem. Direção/Produção de Josafá Ferreira Duarte. [Comédia; digital] Forquilha, CE: Filmarte Filmes. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LVBoStuABPg>. Acesso em: 21 mar. 2025.
- A VOLANTE do soldado 33. Direção/Produção de Josafá Ferreira Duarte. [Comédia; digital] Forquilha, CE: Cinecordel, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cJ4DEDMeixU&t=231s>. Acesso em: 21 mar. 2025.
- ALVES, N. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 62–74, ago. 2003. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000200005>. Acesso em: 21 mar. 2025.
- BRAGA, L. M. **Paulo Freire na versão agradável do cordel**. S/L: S/E, 2018. v. 155.
- BRASIL. **LEI Nº 9.096**, de 19 set. 1995. Dispõe sobre partidos políticos. Brasília-DF, set. 1995. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9096.htm. Acesso em: 09 dez. 2024.
- Duarte, J. **Primeira entrevista presencial gravada em vídeo digital com Josafá Duarte** [Vídeo digital]. 26 de janeiro de 2017.
- Duarte, J. **Segunda entrevista presencial gravada em vídeo digital com Josafá Duarte** [Vídeo digital]. 06 de fevereiro de 2017.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.
- Governo Federal. (1988). **Constituição Federal** [Oficial]. Planalto. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 09 dez. 2024.
- MARTINS, A. F. Becos e trânsitos entre escola e cinema. In MARTINS, R; TOURINHO, I (Org.). **Pedagogias Culturais**. Santa Maria (RS): Ed. da UFSM, 2014. p. 177-196.
- MARTINS, A. F. **Catadores de sucata da indústria cultural**. Goiânia: UFG, 2013.
- MARTINS, A. F. **Outros fazedores de cinema: narrativas para uma poética da solidariedade**. 1 ed. Porto Alegre: Zouk, 2019.
- O HOMEM que queria enganar a morte. Direção/Produção de Josafá Ferreira Duarte. [Comédia; digital] Forquilha, CE: Cinecordel, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PRE7YvNChcg>. Acesso em: 21 mar. 2025.

6. O nome da canção é *Prelúdio*, gravada no álbum *Gita*, de 1974, pela Philips Records.

- OLIGARQUIAS. Direção de Josafá Duarte [Drama social; digital]. Forquilha, CE: Cinecorderl, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eUXfLvsN4Po>. Acesso em: 21 mar. 2025.
- Oliveira, P. P. **Josafá Duarte e o Cinecorderl**: O cineasta cabra da peste contra o Dragão de Roliúdi. 2019. 331 f. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, Goiânia, 2019.
- OS MALAS e os trouxas. Direção de Josafá Duarte. [Comédia Política; Digital]. Forquilha, CE: Cinecorderl, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZP1fLx5eh_Q. Acesso em 21 mar. 2025.
- POPULAR, M. DA P. Poeta Luzimar Medeiros Braga – Síntese biográfica. **Memórias da Poesia Popular**. [s.l.;s.n.]. 25 nov. 2014. Disponível em: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/2014/11/25/poeta-luzimar-medeiros-braga-sintese-biografica>. Acesso em: 21 mar. 2025.
- POR DEBAIXO dos panos. Direção/Produção de Josafá Duarte. [Comédia política; digital] Forquilha, CE: Filmarte Filmes. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Aq936cBvvMg>. Acesso em: 21 mar. 2025.
- SATLER, L. L. **Tramas formativas em audiovisual [manuscrito]**: a minha ação docente à luz das experiências audiovisuais coletivas. 2016. 268 f. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, Goiânia, 2016.
- WEFFORT, F. C. Educação e política: reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da liberdade. In: FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. p. 7–39.

SOBRE O AUTOR

Paulo Passos de Oliveira é professor do Núcleo Docente Estruturante da Faculdade Instituto de Estudos em Tecnologia da Saúde (IETECS) no Rio de Janeiro. Pós-Doutor no Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (UFG), com doutorado sanduíche no Departamento de Comunicação e Arte (DECA) da Universidade de Aveiro (UA/Portugal).

E-mail: paulopassosdeoliveira@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6062-2758>.

Recebido em 09 de dezembro de 2024 e aprovado em 03 de março de 2025.